



VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



EDUCAR PARA QUÊ? UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM UNIDIMENSIONAL

Natasha Yukari Schiavinato Nakata¹
naaschiavinato@gmail.com

Tatiana de Freitas Silva²
taty_freitas09@hotmail.com

Introdução

No capítulo “Educação para quê?” do livro “Educação e Emancipação”, Adorno e Becker estabelecem um diálogo sobre o planejamento educacional, onde evidenciam que apesar deste âmbito apresentar certa carência, ainda assim seu uso é sobretudo quantitativo, onde discorrem repetidamente acerca de números e necessidades materiais. Neste trecho, Adorno (2003) deixa claro que sua intenção naquele diálogo não era discutir para que fins a educação ainda era necessária, mas para onde ela deveria conduzir.

Pensando na necessidade de discutir sobre essa questão, o presente estudo ocupa-se em refletir sobre a constituição do homem unidimensional, a fim de compreender qual a função da educação neste âmbito. Para isso, pretendemos compreender a constituição deste indivíduo padronizado, bem como entender a finalidade da educação na contemporaneidade.

Para esta reflexão, optamos por uma pesquisa bibliográfica em uma abordagem de cunho qualitativo à luz dos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade. O estudo se deu por meio da leitura dos clássicos da Escola de Frankfurt e autores que dialogam em uma mesma perspectiva. Escolhemos esta perspectiva teórica, por ela própria dar embasamento teórico metodológico para a pesquisa, através do entendimento do

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Organização:



Apoio:





movimento teórico crítico que Adorno e Marcuse fazem ao discutirem sobre sociedade, educação e formação pelo caminho da reflexão e da crítica.

Em síntese, compreendemos com o estudo que é necessária uma formação cultural problematizadora, que proporcione reflexões críticas sobre a atual conjuntura, a fim de nos libertarmos das amarras das influências culturais e sociais que nos aprisionam.

A constituição do homem unidimensional

Houve tempos em que educação e formação eram conceitos substanciais, no entanto, no instante em que retomamos a indagação de Adorno: “Educação para quê?”, percebemos que vivemos em uma realidade que o “para quê” não é mais importante. Em 1970, quando Adorno (2003, p. 142) publica o livro “Educação e Emancipação”, o autor já afirmava que “[...] a juventude não deseja uma consciência crítica. A juventude quer modelos ideais”. Na sociedade moderna, em pleno século XXI, essa afirmativa se intensifica, uma vez que passamos a supervalorizar a produção e o consumo em detrimento das relações humanas e sociais.

No mundo produtivo, a existência humana é reduzida aos princípios da artificialidade e do imediatismo. Desse modo, as concepções de homem e de mundo se fragmentam, desintegrando a noção de pluralidade e reduzindo o indivíduo à uma existência isolada que se pauta fundamentalmente na competitividade e na satisfação imediata de necessidades também imediatas.

O intuito das classes dominantes é condicionar as necessidades dos indivíduos criando “falsas necessidades”, tanto materiais quanto intelectuais, a fim de perpetuar formas obsoletas de luta pela existência. Essas falsas necessidades, de acordo com Marcuse (1973, p. 26), “são aquelas impostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: às necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça”.



VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



O desfecho desse processo é a euforia na infelicidade, uma vez que a maioria das necessidades e atividades comuns do cotidiano, bem como as diversas opções de lazer disponíveis na sociedade, pertencem a essa categoria de falsas necessidades. Em suma, essas necessidades têm uma função determinada por forças externas sobre as quais os indivíduos não têm controle algum. A satisfação dessas necessidades é heterônoma. Independente do quanto elas tenham se tornado do próprio indivíduo e do tanto que ele se identifique com elas, elas continuam a ser o que eram de início: produtos de uma sociedade cujo interesse dominante exige repressão.

O fato é que nos tornamos prisioneiros de um sistema dedicado a condicionar nossas necessidades para um único fim: acelerar o ritmo da produção e, conseqüentemente, do consumo. Esse processo se inicia desde a escola, quando a educação é utilizada como meio de manipulação para padronizar nossas concepções e experiências de tempo-espaço, rotinizando nosso dia a dia e atribuindo horário e local para tudo. Conforme pontua Adorno (2003, p. 143), “[...] a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante [...] converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação”.

Um dos aspectos mais perturbadores desta sociedade industrial desenvolvida é o caráter racional de sua irracionalidade. Sua capacidade de aumentar e disseminar comodidades, transformar resíduo em necessidade e destruição em construção, torna questionável a própria noção de alienação. Essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos, fazendo com que se reconheçam em suas mercadorias. Dessa forma, coisificando-se as pessoas, as relações e a própria existência.

Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida (MARCUSE, 1973, p. 32).

Organização:



Apoio:





Em síntese, o objetivo das classes dominantes é padronizar a vida dos indivíduos, de tal forma que não tomem consciência desta alienação. A começar pela educação, formando apenas homens unidimensionais. O mais perturbador é que não paramos um momento para questionar o quanto isso soa autoritário. Como alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação de outras pessoas? Sobre essa questão, Adorno (2003) pontua que precisamos nos atentar a esses modelos considerados ideais impostos a partir do exterior, afinal, existe neles um caráter usurpatório. Para o filósofo, estabelecer um modelo ideal de educação é contraditório a ideia de formar um homem autônomo e emancipado.

Para Adorno (2003, p. 141), “[...] não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior”, muito menos de apenas transmitir conhecimentos. Ao fazer isso, partimos do pressuposto que o indivíduo é uma massa amorfa que deve apenas receber instruções. Por isso, sua concepção de educação está pautada na produção de uma consciência verdadeira, ou seja, educar para a emancipação. Formar indivíduos conscientes da realidade em que estão inseridos para que reflitam sobre ela. De acordo com o pensador, “a educação seria impotente e ideológica se [...] não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas” (ADORNO, 2003, p. 143).

Considerações Finais

Na sociedade tecnicizada na qual vivemos, nada é mais inconveniente do que a insistência da reflexão crítica de que a massificação e o consumo da produção cultural implicam na concretização de uma sociedade consciente, crítica e democrática. Assim como no Mito da Caverna, é preciso sair dela para nos libertarmos das amarras das influências culturais e sociais que nos aprisionam.



VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



É necessário, portanto, que a esperança tenha espaço na educação de modo que nos faça crer que a mudança é possível. É claro que a “[...] esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia” (FREIRE, 1992, p. 5). Da mesma forma que a educação sozinha também não transforma o mundo, mas esta a implica. É preciso mais. É preciso alimentar-se de esperança para refazer este mundo, de forma que a escola seja compreendida enquanto espaço de tradições, valores e crenças, que não pode ignorar seu contexto político e econômico, mas não deve ser subordinada a ele. Que as injustiças, desigualdades e miséria possam, um dia, ser (ao menos) amenizadas. E que a formação seja voltada para o desenvolvimento de conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício da autonomia, consciência e criticidade.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARCUSE, Herbert. As novas formas de controle. In: _____. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 23-37.

Organização:



Apoio:

